

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO
Licenciatura em Educação Física**

CLEBER ANTONIO GUIMARÃES ALCISIO

**A CAPOEIRA NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL NO
ULTIMO ANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MUZAMBINHO

2011

CLEBER ANTONIO GUIMARÃES ALCISIO

**A CAPOEIRA NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL NO
ULTIMO ANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal do Sul de Minas-Campus Muzambinho como requisito a obtenção do título de licenciado em Educação Física

Orientador: Professor MSc .Mateus Camargo Pereira

MUZAMBINHO

2011

COMISSÃO EXAMINADORA

Muzambinho, ____ de _____ de 20____

DEDICATÓRIA

Agradeço a Deus por ter me dado mais uma oportunidade de realizar essa tarefa em minha vida. Também os meus pais e, em especial, a minha companheira pela compreensão e todo apoio que tem demonstrado durante a jornada acadêmica. Valeu a pena ter enfrentado horas e mais horas de viagens que pareciam ser intermináveis, e as noites de sono cada vez mais curtas.

ALCISIO, Cleber Antonio Guimarães. **A capoeira na perspectiva da cultura corporal no último ano da educação infantil.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Federal do Sul de Minas- campus Muzambinho, Muzambinho, 2011.

RESUMO

Este trabalho desenvolve uma proposta de ensino da capoeira na educação infantil através da perspectiva da cultura corporal para crianças do último ano da educação infantil. Realizado na cidade de Muzambinho, na Escola Municipal Francisca Bianchi Alegrete, foi desenvolvida uma seqüência pedagógica baseada na teoria crítico-superadora. Partimos do pressuposto que os gestos não são apreendidos de forma mecânica e repetitiva, mas que surgem de forma espontânea, a partir da compreensão do contexto de seu surgimento. A pesquisa contou com 20 aulas de capoeira, considerando o seu percurso desde os primórdios na África até o a libertação dos escravos, em 1888. Atualmente, a capoeira foi reconhecida pelo IPHAN como patrimônio histórico cultural do Brasil.

Palavras chave: ensino da capoeira, educação infantil, cultura corporal

ABSTRAT

ALCISIO, Cleber Antonio Guimarães. **The capoeira in the perspective of the corporal culture in it I finish year of the infantile education.** 2011. Work of Course Conclusion – Instituto Federal do Sul de Minas-campus Muzambinho, Muzambinho, 2011.

It develops new a proposal of education of the capoeira in the infantile education through the perspective of the corporal culture. Carried through in the city of Muzambinho, the State School Francisca Bianchi Alegrete, where a method was developed in which it uses of the theory I criticize-superadora, leaving of the estimated one that the gestures are not tecnicistas mechanics and in accordance with appear of spontaneous form counted history to the pupils. . History considers the passage of the capoeira since its primórdios passing recognition for the IPHAN as cultural historic site of Brazil until the current days. The objective research to develop a method capable to modify the way of if teaching the capoeira, making with that the practitioners have chances to know history and that its movements are not developed of repetitive and tecnicista form, without relation with the direction and the context of its sprouting.

Keywords: education of the capoeira, infantile education, corporal culture

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 - educação infantil: história, organização, legislação e a criança de 5/6 anos	10
1.1 – Um pouco de História.....	12
1.2 - A criança de 5 e 6 anos.....	12
CAPÍTULO 2 – o referencial teórico-metodológico e a história da capoeira	15
2.1 – O referencial teórico-metodológico.....	15
2.2 - a capoeira – sua origem e desenvolvimento no Brasil	18
2.3 - A capoeira na escola.....	18
2.4 – A capoeira na Educação Infantil.....	20
CAPÍTULO 3 – A pesquisa de campo.....	21
3.1 – A pesquisa.....	21
3.2 – As aulas: espaço de aprendizagem.....	22
Considerações finais.....	43
Referencias bibliográficas.....	44
Apêndices.....	46
Apêndice 1 Termo de autorização.....	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Desenho referente à vida dos negros na África.....	24
Figura 02 – Desenho referente à viagem feita pelos negros até o Brasil.....	27
Figura 03 – Desenho referente ao quilombo.....	30
Figura 04 – Desenho referente aos castigos sofridos pelos escravos.....	38

Introdução

Esse trabalho surgiu da necessidade de melhorar meus conhecimentos relacionados às possibilidades do ser humano em desenvolver a expressão corporal através da prática da modalidade CAPOEIRA. Tendo em vista que ser apenas um capoeirista não me satisfazia, buscava ser muito mais que isto já que, tendo a função de ministrar aulas e também de formar opiniões, meu conhecimento em relação ao ensino de capoeira parecia limitado. Meu saber era oriundo da transmissão de uma prática da capoeira transferida por um “mestre” que aprendeu com outro “mestre” e assim por diante, mas todos sem formação acadêmica que os auxiliassem no trabalho. Tais atividades eram desenvolvidas junto à população, na maioria crianças e jovens. Esporadicamente adultos compareciam as aulas, mas devido à complexidade da modalidade tinham um pensamento de senso comum que pode ser resumido na expressão:

“Se não aprendi enquanto criança depois de velho que não vou aprender”.

Diante dessas situações decidi que o Curso de Educação Física seria o melhor modo de sanar minhas dúvidas, ampliar meus conhecimentos e adquirir novos aprendizados, que apenas com a prática da Capoeira seria quase impossível de se obter. Mas logo após essa fase de início da vida acadêmica, surgiram muito mais dúvidas do que soluções. A cada problema solucionado apareciam outros relacionados ao mesmo tema que jamais pensei que existissem. Meu modo de enxergar as coisas mudou tornando-me uma pessoa mais crítica em relação a tudo o que tinha aprendido nesses 15 anos de trabalho.

Dito isto, coloquei-me o desafio de estudar o ensino de capoeira em crianças do último ano da educação infantil. Mas sob que olhar faria este estudo? Meu aprendizado da capoeira havia se dado a partir de um método tecnicista, centrado na repetição de gestos, algo que meu estudo no curso ensinara ser inadequado para as crianças as quais me propunha a trabalhar. Dessa forma, busquei outros referenciais que pudessem balizar meu trabalho. Tomei contato com a perspectiva Crítico-superadora¹ da educação física, na qual o ensino dos conteúdos da cultura

¹ A concepção Crítico-Superadora da educação física está apresentada na obra “Metodologia do ensino de educação física” (1992), escrita pelo Coletivo de Autores (Lino Castellani Filho, Elisabeth Varjal, Carmen Lúcia

corporal, capoeira incluída, deveria priorizar a expressão corporal em detrimento da repetição de gestos mecânicos. Entendi ser uma perspectiva adequada para o meu propósito. Eis que apresento esta pesquisa. Ela teve como objetivo criar uma seqüência pedagógica para o ensino de capoeira para crianças de 5 anos (último ano da educação infantil) na perspectiva da cultura corporal. Tal proposta baseou-se na exploração da capacidade da criança em compreender como são os movimentos corporais a partir da História das práticas sem visualizar os gestos. Estes deverão surgir de forma espontânea.

Pensando na importância da introdução de um conteúdo pouco trabalhado nessa faixa etária e que dê oportunidade a esses indivíduos de vivenciar esta modalidade que abrange o jogo, a dança, a luta, o esporte, a cultura de um povo, que utilizou desta manifestação para a conquista de sua liberdade e que está cada vez mais presente na sociedade. Utilizamos para realizá-lo um reduzido acervo de trabalhos publicados sobre a capoeira e suas metodologias de ensino, pois quase não existem trabalhos relacionados a essa proposta metodológica de ensino da capoeira.

O capítulo 1 apresenta alguns dados sobre a educação infantil e a criança de 5 e 6 anos, público alvo deste trabalho. O capítulo 2 discorre sobre o referencial teórico-metodológico que balizou a construção da seqüência pedagógica desenvolvida e uma breve história da capoeira. Em seguida, no capítulo 3, trazemos os materiais e métodos utilizados no decorrer da pesquisa de campo, a descrição das aulas realizadas e sua relação com os princípios teórico-metodológicos empregados. Por fim, finalizamos o trabalho com as considerações finais.

CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO INFANTIL: HISTÓRIA, ORGANIZAÇÃO, LEGISLAÇÃO E A CRIANÇA DE 5/6 ANOS

1.1 – Um pouco de História

Até o século XVII, a Educação Infantil acontecia no âmbito familiar e a criança era visto como um “adulto em miniatura”. Todas as atividades eram realizadas da mesma maneira, tanto pelas crianças como pelos adultos, inclusive os jogos e brincadeiras. Com a Revolução Industrial, que trouxe como conseqüências à urbanização, o trabalho feminino, a consolidação da família nuclear em substituição à família estendida, faz-se necessário a criação de espaços para guardar os filhos das mães trabalhadoras. A escola surgida naquele momento não é para todos; é lugar de cunho assistencialista. No Brasil, já no século XX, o atendimento à infância se dá em duas abordagens distintas: creche para as crianças pequenas e pré-escola para as maiores. Predominava uma concepção de Educação Infantil assistencialista e vocacional, restringindo a sua função ao cuidar da criança, como um direito da mãe trabalhadora (GALLARDO e MORAES, 1998).

Já nas décadas de 1980 e 1990 há uma mudança na configuração legal da Educação Infantil. Com a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/ 9394/96), a Educação Infantil passa a compôr a educação básica – junto com o Ensino Fundamental e Médio. No texto legal ela passa a ser concebida como um direito da criança, ainda que não fosse obrigatória.

Segundo SOUZA DA SILVA (2010, p.128):

A Educação Infantil torna-se assim um espaço fundamental para a construção de novos conhecimentos permitindo a interação da criança com outras pessoas e com o mundo dos fatos e dos objetivos socioculturais, sendo essas situações de aprendizagens diferenciadas qualitativamente daquelas que perpassam a vida fora da escola.

Na década de 1990, o Governo Federal, através do MEC, publicou os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI). Este documento tornou-se um balizador do trabalho pedagógico nesse nível de ensino. A Educação Infantil passou a ter uma série de assuntos que deveriam ser abordados pelos professores, tais como: movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade, matemática.

De acordo com os RCNI (BRASIL 1998) a educação infantil esta dividida da seguinte forma:

No primeiro ano de vida.

- O andar e a ampliação das possibilidades do mundo.
- Exploração de tudo.
- Gestos simbólicos, ligados ao faz de conta.
- Reconhecimento da imagem do seu corpo.
- Começo da identidade de si.

De um ano a três anos.

- O andar e a ampliação das possibilidades do mundo.
- Exploração de tudo.
- Gestos simbólicos, ligados ao faz de conta.
- Reconhecimento da imagem do seu corpo.
- Começo da identidade de si.

De quatro a seis anos.

- Gestos instrumentais ampliam-se em número e precisão. Atos coordenados sofisticam-se.
- Mistura de significados do ato: ato que era motor torna-se simbólico.
- Movimentos são mais coordenados, planejados etc.

- Aumento de tempo em que a criança consegue ficar na mesma posição.
- Construção de repertórios próprios de movimentos, desenvolvidos pelo contato com as diferentes culturas.

O tema Movimento lançava propostas para o trabalho de um possível professor de educação física. Através do movimento intencional e o meio em que a crianças estão inseridas, deveriam desenvolver a consciência corporal. Sendo assim os movimentos deveriam ser entendidos dentro do contexto vivido pelo homem em diversas épocas da história, na forma de correr, saltar, empurrar e tantos outros (BRASIL, 1998).

Movimento para RABINOVICH apud (MATOS E NEIRA, 1999, p.17), deve estar vinculado a ações cognitivas e afetivas, em que a criança se veja obrigada a pensar e planejar sua movimentação [...], vivendo cada movimento não só com os músculos, nervos e tendões, mas também e principalmente, com o coração e com a cabeça.

Por outro lado, SOUZA da SILVA (2005), apresenta outro referencial para o trabalho com a educação infantil. Para ele, o brincar e o jogar são compreendidos como forma de interagir com o mundo e com outras pessoas sendo expressos corporalmente pelo movimento de acordo com a atividade desenvolvida, cujo sentido é fazer parte de um contexto sócio, histórico e cultural daqueles que o praticam.

1.2 - A criança de 5 e 6 anos

Jean Piaget, (1974) desenvolveu teoria na qual o desenvolvimento da inteligência humana se desenvolve biologicamente. Relações entre indivíduo e ambiente são de troca: organismo se adapta ao meio e, ao mesmo tempo, o assimila, de acordo com sua estrutura, num processo de equilibrações sucessivas. Para Piaget este processo ocorre em 4 fases: Sensório motor (0 aos 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operatório concreto (7 aos 11 anos) e operatório formal (11 aos 15 anos).

Lev Vygotsky desenvolveu uma teoria sobre como a criança aprende e se desenvolve, chamada Zona de Desenvolvimento Proximal. Através da interação com outros indivíduos mais experientes são caracterizadas por ele como trocas positivas

numa via de mão dupla. Pois quando se tem alunos da mesma sala de aula, uns mais experientes que os outros, podemos observar que essa interação faz com que os dois alunos se desenvolvam, o menos experiente se sente motivado em fazer o que ainda não sabe, e o aluno mais experiente quando esta ajudando o outro aluno ganha discernimento e aperfeiçoa suas habilidades ao ajudá-lo (PAGANOTTI, 2011).

Segundo DARIDO E ANDRADE, (2008) na fase pré-operatória que as crianças compreendem melhor as instruções dadas e são extremamente participativas em atividades que envolvam as brincadeiras. Essa vontade de brincar deve ser explorada pelo professor e incentivada, ao mesmo tempo em que a cooperação entre elas for aumentando. Nesta idade são muito falantes, curiosas e barulhentas, por isso fica difícil manter sua atenção por muito tempo. As atividades têm que ser modificadas constantemente para que elas não se dispersem. Esta também pode ser chamada de fase do “por que”. Tudo o que se faz é motivo de perguntas e questionamentos. É interessante fazer uso dos combinados para que as atividades fluam, por meio de sinais, palavras, gestos e músicas, utilizando-os para a introdução de regras. A criança desta fase adora ser ajudante do professor, coloca-se à disposição para buscar algum material para as aulas ou para guardá-los e até na confecção de algum material alternativo.

Segundo a obra acima citada, nesta época da vida a separação por gênero começa a se manifestar, com algumas características, disputa pela atenção do professor, sugestão de brincadeiras com características mais para um gênero que para outro, disputa de liderança dos grupos etc. Caberá ao professor mediar os possíveis conflitos entre meninos e meninas, fazendo com que ambos participem das mesmas atividades sem que essa ou aquela atividade privilegie por gênero.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998), deixa claro que os objetivos do movimento para crianças de 04 a 06 anos são:

1 – Ampliar as possibilidades expressivas do próprio movimento, utilizando gestos diversos e o ritmo corporal nas suas brincadeiras, danças, jogos e demais situações de interação;

2 – Explorar diferentes qualidades e dinâmicas de movimento, como força, velocidade, resistência e flexibilidade, conhecendo gradativamente os limites e as potencialidades do seu corpo;

3 – Controlar gradualmente o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras para utilização em jogos, brincadeiras, danças e demais situações.

4 – Utilizar o movimento de preensão, encaixe, lançamento etc., para ampliar suas possibilidades de manuseio dos diferentes materiais e objetos;

5 – Apropriar-se progressivamente da imagem global de seu corpo, conhecendo e identificando seus segmentos e elementos e desenvolvendo cada vez mais uma atitude de interesse e cuidado com o corpo.

O coletivo de autores trata de caracterizar os períodos de aprendizagem em ciclos. Para nosso trabalho trata-se do 1º ciclo, assim caracterizado:

O primeiro ciclo vai da pré-escola até a terceira série. Este ciclo caracteriza-se pela visão sincrética da realidade por parte do aluno. Os fatos são interpretados de forma difusa. Cabe à escola, particularmente ao professor, organizar a identificação desses dados constatados e descritos pelo aluno para que ele possa formar sistemas encontrar relação entre as coisas, identificando as semelhanças e as diferenças. Nesse ciclo o aluno encontra no momento da experiência sensível, onde prevalecem as referências sensoriais na sua relação com o conhecimento. O aluno dá um salto qualitativo nesse ciclo quando começa a categorizar os objetos, classificá-los e associá-los (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

CAPÍTULO 2 – O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO E A HISTÓRIA DA CAPOEIRA

2.1 – O referencial teórico-metodológico

Para a realização de nosso trabalho utilizamos como referencial teórico-metodológico as formulações existente na obra clássica *Metodologia do ensino de educação física*, publicada inicialmente em 1992 e escrita por um coletivo de autores². Obra essa que trata do ensino da educação física de maneira efetiva, balizando o trabalho dos professores, não apenas como um livro de atividades que podem ser utilizadas dentro das aulas de educação física, mas sim para dar autonomia ao docente.

(...) expõe e discutem questões teórico-metodológicas da Educação Física, tornando-a como matéria escolar que trata pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. A metodologia aqui é entendida como uma das formas de apreensão do conhecimento específica da educação física, tratado a partir de uma visão de totalidade, onde sempre está presente o singular de cada tema da cultura corporal e o geral que é a expressão corporal como linguagem social e historicamente construída. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.37)

Para os autores a Educação Física

(...) é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.33)

² A concepção Crítico-Superadora da educação física está apresentada na obra “Metodologia do ensino de educação física” (1992), escrita pelo Coletivo de Autores (Lino Castellani Filho, Elisabeth Varjal, Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Valter Bracht e Michelli Ortega Escobar). Tal denominação foi dada pelos próprios autores, reivindicando associação com a Pedagogia Histórico-Crítica, sistematizada por Dermeval Saviani.

O conhecimento é tratado metodologicamente de forma a favorecer a compreensão dos princípios da lógica dialética materialista, totalidade, movimento, mudança qualitativa e contradição. (COLETIVO DE AUTORES, 1992). O currículo escolar deve ser capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade complexa e contraditória. Desta forma deve ser:

- **DIAGNÓSTICA** (diagnóstica): que remeterá ao aluno a constatação e leitura dos dados da realidade, de modo que deste ponto se retirará um julgamento;
- **JUDICATIVA** (julgamento): o aluno julgará a ação de acordo com os princípios de cada classe social;
- **TELEOLÓGICA** (transformação): a partir daí será definida uma direção a se seguir, tendo em vista que cada pessoa está incluída em uma classe social, buscando se firmar dentro de sua classe, e sua reflexão poderá ser conservadora, ou seja, mantendo as coisas como são, ou transformadora, com o objetivo de mudar a realidade.

Conhecimento espiralado

Na perspectiva dialética os conteúdos teriam que ser apresentados aos alunos a partir do princípio da simultaneidade, explicitando a relação que mantêm entre si. Objetiva-se desenvolver a compreensão de que são dados da realidade que não podem ser pensados e nem explicados isoladamente. Sendo assim, o conhecimento deixa de ser tratado a partir de pré-requisitos. Busca-se tratá-lo de forma espiralada, ou seja, o conhecimento vai sendo ampliado a cada referência, tornando-se cada vez mais complexo. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.21)

Gesto e História

Dentro desta perspectiva o gesto será entendido como uma peça fundamental do desenvolvimento da História, pois este gesto será entendido pelos alunos como forma de contexto histórico e não solto em seus pensamentos, mas com significado. Busca-se recuperar o sentido daquele movimento. Assim a teoria é abordada no trabalho em forma de conhecimento histórico e o gesto vivenciado dentro do contexto em que foi criado a todo o momento, facilitando o entendimento por parte dos alunos. Esse conhecimento adquirido fará muito mais sentido do que se o fosse ministrado fora deste contexto.

Lógica Dialética

Segundo COLETIVO DE AUTORES, (1992) a reflexão pedagógica do aluno e sua forma de pensar a realidade social ajuda a desenvolver determinada lógica. Para desenvolvê-la, apropria-se do conhecimento científico, confrontando com o seu saber, tendo em vista que o aluno não entra na escola como se fosse uma caixa vazia, sem conhecimento, e que o mesmo traz algumas referências oriundas das relações sociais que estabelece em seu cotidiano. A tradição pedagógica, na elaboração de SAVIANI (2008) considera o aluno um depositário passivo de conhecimentos que poderá ser transmitido pelo professor. Ainda que, segundo o mesmo autor, a relação entre professor e aluno apresente uma diferença em termos de nível de conhecimento, o estudante é visto com sujeito e objeto do processo pedagógico. Na Educação Física, a pedagogia tradicional se balizou por um método de ensino de cunho tecnicista, no qual os conteúdos eram restritos ao saber fazer e o ensino se dava pela repetição dos gestos realizados pelo docente. Na perspectiva da cultura corporal o aluno apreende e transforma o conhecimento (tese, antítese e síntese). O movimento é vivenciado, resignificado e transformado. Sendo assim, o conhecimento será transmitido dentro da sua totalidade, de acordo com a realidade. Elabora-se um saber científico adquirido nas instituições de ensino, superando o senso comum.

2.2 - A CAPOEIRA – sua origem e desenvolvimento no Brasil

Sua origem está ligada a duas hipóteses de acordo com BRITO (1999), a primeira explicação afirma que a capoeira teria chegado ao Brasil por intermédio dos escravos trazidos do continente africano, mais especificamente dos países Angola e Luanda, sendo, portanto, de origem africana. A segunda é que foi criada no Brasil pelos escravos, como forma de busca da liberdade. No mundo da capoeira associa-se a origem da capoeira a feitura de um bolo: seus ingredientes vieram da África, mas a mistura foi feita no Brasil, tornando-se assim uma expressão corporal de características afro-brasileiras.

A capoeira encerra em seus movimentos a luta da emancipação do negro no Brasil escravocrata. Em seu conjunto de gestos, a capoeira expressa de forma explícita a “voz” do oprimido na sua relação com o opressor. Seus gestos, hoje esportivizados e codificados em muitas escolas de capoeira, no passado significavam saudades da terra e da liberdade perdida, desejo velado de reconquista da liberdade que tinha como arma apenas o próprio corpo. Isso nos alerta para a riqueza de movimentos e de ritmos que a sustentam, e a necessidade de não separá-la da história, transformando-a simplesmente em mais uma modalidade esportiva. (SILVA E HEINE, 2008)

2.3 - A capoeira na escola

Desde 1960 a capoeira faz parte da instituição educacional no Brasil, tendo papel educativo de crianças e jovens. A mesma coisa esta acontecendo entre outros países onde a capoeira se encontra presente (SILVA E HEINE, 2008).

Segundo dados fornecidos por Sérgio Luís de Souza Vieira, presidente da Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), em matéria publicada em 2007 na internet,³ a capoeira hoje é praticada oficialmente em cento e trinta e dois países. No Brasil, a prática possui 84 Ligas Regionais e Municipais, vinte e quatro Federações Estaduais, uma Confederação Brasileira, uma Associação Brasileira de Árbitros, uma Associação Brasileira de Capoeira para Portadores de Necessidades Especiais.

³ A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL 1ª parte, Portal Capoeira, São Paulo, 2007. Disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/overblog/a-capoeira-na-educacao-infantil-1-parte>. Acesso em: 15/03/2011

No âmbito internacional existe a Federação Internacional de Capoeira (FICA), que coordena trabalhos das Federações Nacionais de Capoeira existentes no Canadá, Portugal, Argentina, França, dentre outros países.

Um dos mestres mais importantes no mundo da capoeira, Mestre João Grande, vive hoje em Nova York e foi reconhecido por uma importante universidade norte-americana, recebendo o título de Doutor “Honoris Causa”. Este também ensina a seus alunos a conhecer e respeitar a África e o Brasil, entre outras coisas o idioma português é o único utilizado em suas aulas (ABIB, 2004).

Em algumas escolas nas quais a capoeira esta presente ela é oferecida de forma extracurricular, fora dos horários de aula. Muitas vezes em projetos sócio-educativos, onde as aulas são ministradas por professores ou mestres de capoeira, em sua maioria sem formação acadêmica e com o conhecimento específico da capoeira, e não com o embasamento científico necessário para a prática docente. (SILVA E HEINE, 2008).

Segundo PAULA e CAMPOS (2005), a capoeira é uma manifestação cultural e esportiva que tem inúmeras possibilidades de ser trabalhada dentro do ambiente escolar, além de sua abordagem lúdica, tão importante para o desenvolvimento do ser humano e para o seu convívio social. Por isso chama-se a atenção de professores, regentes e pais das crianças em desenvolvimento no processo de início de escolarização.

A transformação que a capoeira vem sofrendo durante seu percurso histórico deixa a entender que num futuro próximo será tratada apenas como mais um esporte. A capoeira pode ser tratada como esporte, mas preservando suas características de manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a historicidade, não desencarná-la do movimento cultural político que a gerou.

De acordo com o PCN (1997, p. 29) a capoeira pode ser incluída na definição abaixo em todos os aspectos:

Entende-se a Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na Cultura Corporal do Movimento, formando o cidadão que vai produzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos Jogos, dos Esportes, das

Danças, das Lutas e das Ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

2.4 – A capoeira na Educação Infantil

No Brasil, por volta do final da década de 70 e início da década de 80, tivemos um grande crescimento no número de instituições de ensino da capoeira, fato este que contribuiu muito para a proliferação da capoeira no âmbito de cunho estudantil, escolas, universidades e creches, acrescentando a estes ambientes de trato com o conhecimento um toque de cultura e inúmeras possibilidades de intervenção no que se refere à atividade física, que acabam sendo embasados por leis e sugerida por diversos instrumentos informativos que orientam a educação escolar sendo eles, Parâmetros Curriculares Nacionais, Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998)

Segundo Souza da Silva (2004), o conteúdo capoeira precisa estar dentro das escolas devido a gama de informações contidas nessa manifestação cultural, deve ser tratada de forma intencional e sistemática, dando aos alunos a oportunidade de vivenciar histórico e corporalmente, já que esta faz parte da cultura do povo brasileiro como representação e expressão concreta da realidade como forma de luta e de busca dos direitos sociais de um povo.

A capoeira esta presente em escolas de educação infantil, na maioria das vezes como única e exclusivamente como opção de atividade física, tendo em vista a gama de opções motoras e cognitivas presente nesta modalidade cultural e esportiva, onde possibilita o desenvolvimento integral dos alunos. Em muitas escolas é oferecido aos alunos varias modalidades e os alunos podem fazer suas escolhas. (SILVA e HEINE, 2008).

A possibilidade que a capoeira traz para o universo da Educação Infantil destaca-se algumas alternativas reais e concretas, de modo que as intervenções pedagógicas favoreçam a contextualização e sua intencionalidade. Através da musicalidade, ritmo, expressão corporal, compreensão dos fatos Históricos ocorridos dentro do período escravocrata e até os dias atuais, estabelecendo relação entre os fatos ocorridos desenvolvendo uma nova síntese.

Capítulo 3 – A pesquisa de campo

3.1 – A pesquisa

No presente trabalho realizamos uma pesquisa de Campo Explicativa, cujo objetivo foi desenvolver uma seqüência pedagógica para o ensino da capoeira para crianças do último ano da educação infantil com a faixa etária entre 5 e 6 anos, dentro da perspectiva da cultura corporal. Alunos estes que fazem parte do primeiro ciclo de escolarização.

A pesquisa será direcionada com base em fatos ocorridos durante o processo histórico que a Capoeira percorreu desde o século XVIII até século XXI, considerando fatos ocorridos, pessoas, animais, lugares, seu contexto para o aprendizado dos alunos, idealizando assim uma nova forma de se ensinar a Capoeira, onde o gesto não seja tratado como uma técnica a ser replicada, como um simples ato motor, mas que seja apreendido com significado, com um por que da existência do movimento. Antes do início das aulas de Capoeira, foi realizado um projeto piloto na mesma escola onde aconteceram as aulas, como se tem proposto na pesquisa.

Para a realização do trabalho nestas condições acima citadas, resolvemos nomear o projeto por “BRINCANDO COM A HISTÓRIA”, nome este que oculta a verdadeira intenção da pesquisa, pois, avaliaríamos se o gesto apareceria de forma espontânea de acordo com o contexto repassado aos alunos. Chegamos a um consenso que se apresentássemos como professor de capoeira, os alunos poderiam tomar posturas pré-estabelecidas pela mídia, influenciando no resultado da pesquisa.

Durante os meses de novembro e dezembro foram ministradas duas aulas semanais de 30 minutos cada, em dias seqüenciais, para melhor assimilação dos envolvidos. A cada aula fizemos uma retomada da atividade anterior, fixando ainda mais o conteúdo abordado. Escolhemos também um local de centralização dos alunos: a sombra de uma árvore que está situada dentro de um pátio aberto com vegetação e plantações, distante das salas de aulas, para evitar que os alunos se dispersassem, e sua atenção estivesse nas histórias e dinâmicas realizadas dentro da proposta.

Foi escolhida pelos realizadores da pesquisa uma escola da rede municipal de ensino de Muzambinho, Escola Municipal Dona Francisca Alegrete Bianchi, localizada na Rua João Dracena da Silveira, numero 49, bairro Brejo Alegre em uma região da cidade com baixo poder aquisitivo, e de origem quilombola, escola essa que atende a 200 alunos em média nos níveis de ensino educação infantil Pré I e II e ensino fundamental 1º e 2º ciclo em um total de 10 turmas nos períodos matutinos e vespertinos e essas turmas tem aulas de educação física uma vez por semana durante 60 minutos. Os alunos envolvidos são da faixa etária entre 5 e 6 anos de idade, ou seja, crianças que estão cursando o ultimo ano da educação infantil ou Pré II turma B , com um total de 22 alunos dos gêneros masculino (13) e feminino (9).

3.2 – As aulas: espaço de aprendizagem

Neste item realizamos um debate entre as situações ocorridas nas aulas de acordo com os princípios teórico-metodológicos que nos referenciamos, mostrando como se aplicaram no decorrer das aulas. Lembrando que os gestos surgem de forma espontânea, expressando a compreensão vivenciada do conteúdo a partir da reconstituição do seu percurso histórico.

Aula I – Reconhecimento e estabelecimento de regras de convívio

Na primeira aula foi realizado o reconhecimento da turma dentro da própria sala de aula para que os alunos não estranhassem a presença do novo professor. Foi através de brincadeiras com nomes de animais, relacionando-os com os nomes dos alunos a partir do professor, para que fosse tomado como exemplo e depois fizessem sua apresentação. Em seguida falei sobre o que iria ser feito durante esse projeto, explicando que no projeto contaríamos algumas histórias e brincaríamos. Todos os alunos ficaram eufóricos com a proposta, ainda mais quando foi dito que as aulas seriam no pátio. Após esse primeiro contato nos dirigimos para o pátio, nos colocamos em roda sob a sombra da árvore que foi escolhida para a contação das histórias e para a centralização dos alunos. Para a melhor comunicação entre professor e aluno foi criado um grito de guerra para a tomada de decisão sobre o que haveria de ser feito. E para a volta a sala foi realizada uma forma de se voltar relacionada ao que foi contado na história. Nesta aula voltamos de costas apenas

para os alunos começassem a se acostumar com esse método, pois não foi contada nenhuma história nesta aula. Apenas estabelecemos regras de convivência e exposição do que seria trabalhado no projeto. O conhecimento dos alunos acerca dos animais foi estimulado, pois os animais utilizados nesta aula seriam citados em outras aulas durante o decorrer do projeto. Os princípios do conhecimento espiralado e o pensamento dialético apresentaram-se nesse contexto, pois os alunos mostraram o que entendiam sobre animais através de gestos e sons. O conhecimento foi se ampliando e sendo reformulado durante a aula, através de observação dos colegas ou da própria imaginação, pois os animais foram inseridos dentro de um contexto aplicado dentro da aula, já que estes animais não são do seu convívio.

Aula II – África e etnias

Na segunda aula foi realizada a primeira abordagem sobre o tema capoeira, mas não se utilizou o nome CAPOEIRA. Começamos por explanar as idéias sobre a origem e seus primeiros praticantes, pois seus primeiros praticantes foram os negros vindos do continente africano. Demos início às atividades falando sobre a África, seus habitantes, seus animais, seus costumes. Durante a aula foram realizadas brincadeiras com caráter lúdico, para que os alunos pudessem entender como esse continente era distante; imitações de animais e seus sons e como se movimentam, como se defendem. Para encerrar a aula, voltamos para a sala em fila indiana, com o movimento do elefante (um aluno com a mão por dentro da sua perna segura a mão do aluno de trás, que com a outra mão por entre as pernas segura a mão do aluno que esta atrás, e assim por diante). Junto com a História contada os alunos poderiam expressar o que eles entendiam, mas como são muito novos e com conhecimentos menos elaborados, a história era comparada à casa dos alunos, como era sua família, seus animais, sua casa. Já que os conhecimentos obtidos pelos alunos se dá no seu dia-dia, com sua realidade.

Na ilustração abaixo o aluno relata sua compreensão de como era a vida dos negros antes de se tornarem escravos.



FIGURA 1 – Desenho referente a vida dos negros na África

Aula III – Vida na África

Na terceira aula foi realizada uma pequena retomada da aula passada para que os alunos relembassem a história contada. Depois introduzi o tema do dia ainda dentro de sala. Apresentei as etnias através de desenhos na lousa, mostrando

que cada pessoa possui traços diferentes de diversas etnias, chegando aos negros. Depois mostrando ainda através de desenhos e recortes que no Brasil há uma mistura destas etnias, e que na África é composta majoritariamente por negros. Em seguida, mostramos que eram divididos em tribos, cada uma diferente da outra, com culturas diferentes e modos de se viver, alimentar, moradia de acordo com o local em que se morava. Falei de algumas tribos existentes na África, Nagô e Zulu. Em seguida foi utilizada uma tinta para o rosto de cor preta simbolizando que todos participantes da aula seriam africanos negros. Mostramos que seus hábitos eram diferentes e que sua pintura de rosto significava essa diferença: Nagô, com dois traços; e Zulu com um triângulo, facilitando a divisão das tribos. Em seguida, realizamos uma corrida de estafeta onde as duas tribos competiam, e a tribo perdedora teria que se submeter à condição de escravo da tribo vencedora. A maioria dos alunos já tinha o conhecimento do que seria ser escravo, facilitando o entendimento da história contada. E no encerramento os alunos escravos voltaram para a sala de aula puxando os alunos vencedores. A tribo vencedora foi Nagô. Com isso ampliamos o conhecimento dos alunos, todos entendendo como era um habitante da África, seus hábitos, como se relacionavam entre si, a separação das tribos e os alunos durante a atividade iam dando seus pareceres sempre usando como exemplo seus pais, sua casa, reportagens exibidas pelos veículos de comunicação.

Aula IV – A viagem

Na terceira aula utilizei a retomada da aula passada falando sobre as tribos as disputas sobre os negros e a escravidão. Em seguida, demos início a próxima aula, que o tema foi a viagem que os negros faziam de barcos, vindos traficados para o Brasil. Os alunos ficaram enfileirados em duas colunas e com movimentos de remadas com uma música, “Marinheiro só” – para a melhor fixação de como era a viagem, o sofrimento, os porões, a falta de água e de comida e, como consequência, as doenças e a morte dos escravos.

“Marinheiro só

Eu não sou daqui

Marinheiro só

Eu não tenho amor

Marinheiro só
Eu sou da Bahia
Marinheiro só
De São Salvador
Marinheiro só
Lá vem, lá vem
Marinheiro só
Como ele vem faceiro
Marinheiro só

Todo de branco
Marinheiro só
Com seu bonezinho
Marinheiro só

Ô, marinheiro, marinheiro
Marinheiro só
Ô, quem te ensinou a nadar
Marinheiro só
Ou foi o tombo do navio
Marinheiro só
Ou foi o balanço do mar
Marinheiro só”

Dentro de uma caixa de papelão e alguns cabos de vassoura um barco foi introduzido na história simbolizando o navio negreiro. Aos poucos o conhecimento foi ampliado e os alunos cada vez mais interessados pelas histórias contadas e pelas dinâmicas realizadas. De fato, o que era abstrato para os alunos vai se concretizando a cada aula, pois eles relacionam os fatos ocorridos nas histórias com desenhos animados, reportagens, com o que os familiares falam e fazem, muitos exemplificam desta maneira.

Na ilustração abaixo o aluno relata sua compreensão de como era a viagem do continente africano até chegarem ao Brasil.



FIGURA 2 – Desenho referente a viagem feita pelos negros até o Brasil

Aula V – Canavial

Nesta aula relembramos a música cantada. Em seguida, foi introduzido o tema da aula: o Brasil, suas matas, a plantação de cana de açúcar, o engenho, simbolizando como era feito o açúcar. Também foi mostrado aos alunos como é um canavial, ao lado da escola tem alguns pés de cana e o professor foi até o local para mostrar aos alunos. Para reforçar foi realizado um corte em um pé de cana para ser oferecidos às crianças, pedaços de cana de açúcar para eles experimentarem,

mostrando que o açúcar vem da cana e não do supermercado como as crianças achavam. Também foi passado através de música com o tema canavial, para melhor entendimento dos alunos. Assim que os alunos consumiram a cana de açúcar foi trabalhado em forma de brincadeira de estátua e os alunos simbolizando o corte da cana. Quando a música parasse eles também não se mexeriam.

Autora: Carolina Soares.

Música: Um dia na senzala

*“Quem já foi na senzala um dia...
sabe-me dizer como é...*

Moendo cana êêê...

Socando o pilão... (2x)

*negro era escravizado sobre o olho
do capitão, de dia trabalhava descalços,
com os pés no chão.*

Coro:

*negro sofria na senzala na vista do coronel
de onde olhava da sacada como um raio
vem do céu.*

Coro:

*Mais que vida era aquela hoje já nem
existe mais como era ruim ficar na mira de
um capataz.”*

Um aluno comparou essa fase da história quando ele saiu de sua casa no sítio para morar na cidade, porque seu pai veio trabalhar. Após essa temática mostramos aos alunos como era o trabalho escravo, o que tinha que se fazer nas fazendas, a medida que era contado aos alunos era feita a ligação com o trabalho que os pais ou parentes realizavam. Também foi oferecida aos alunos a cana de açúcar para experimentarem, ajudando a explicar o porquê da produção de cana, porque se precisava de mão de obra escrava e também para o entendimento de

como era feito o açúcar. Uma brincadeira de estátua simbolizou o corte da cana, utilizando de uma música de capoeira como parada das atividades braçais. A partir disso, os alunos concluíram que ser escravo não era uma atividade boa, e que nenhum deles gostaria de estar naquelas condições. Desta forma, o aluno constatou e interpretou que essa realidade social não seria apropriada para os mesmos (diagnóstico e julgamento).

Aula VI – Nego Fujão e Capitão do Mato

Começamos com a retomada da aula passada e citando os temas mais importantes daquela aula, como Brasil, cana de açúcar, engenho. Na seqüência foi falado sobre o trabalho que os negros exerciam nas fazendas, também foi passado as crianças sobre os donos das fazendas, seus escravos, feitores, capitão do mato e a senzala. Para melhor compreensão dos alunos eles participaram de uma brincadeira de pique, que se chama negro fujão. Brincadeira essa que consiste em uma criança correndo representando o negro fujão e outra criança representando o capitão do mato, como pegador. As demais crianças participariam da atividade fazendo de conta que eles eram o canavial, onde os corredores alternariam de posição com a música cantada. Os dois alunos que estavam correndo poderiam entrar por dentro do canavial para dificultar que o capitão do mato o pegasse. Todos os alunos tiveram a experiência de ser negro fujão e capitão do mato. Nesta aula o tempo foi excedido em 15 minutos passando para um total de 45 minutos. Para a realização da música “Corre veado”, de fácil entendimento e assimilação pelas crianças, foi utilizado um pandeiro, fazendo com que as mesmas repetissem o coro.

Musica de domínio público.

“Corre veado, la vem caçador

“Veadó na mata nasceu corredor”

E na volta à sala os alunos e o professor fizeram um esconde-esconde simbolizando o capitão do mato na sua procura pelos escravos. Assim que eram descobertos, o professor pronunciava o nome do aluno e esse era levado para a sala como um escravo fugido recuperado. Para os alunos, antes mesmo que a história tivesse terminado, as perguntas de fuga eram constantes “por que eles não

fugiam”, e os próprios alunos respondiam que eles usavam correntes nos pés, nas mãos, eram presos uns nos outros. Isso mostra que o gesto de fuga esta dentro do contexto histórico, que a opressão faz com que as pessoas tentem a todo custo se libertar. E que as brincadeiras realizadas reforçam o conteúdo aplicado.

Na ilustração abaixo o aluno relata sua compreensão de como os negros após suas fugas se embrenhavam nas matas a fim de serem livres.



FIGURA 3 – Desenho referente aos quilombos

Aula VII e VIII – Trabalho escravo e a Senzala

As aulas foram aglutinadas devido ao feriado e ao curto espaço de tempo para a realização do projeto.

Assim que nos encontramos realizamos a retomada da aula passada, onde o tema era o negro que não aceitava o trabalho escravo e, como consequência, fugiam das fazendas para as matas e florestas, ficando escondidos por muito tempo. Assim começava a caçada exercida pelo dono da fazenda e seus capangas, mais conhecidos como capitão do mato e seus feitores. Cantamos a música que foi passada na aula anterior, “CORRE VEADO”, tornando mais fácil a retomada e a lembrança pelos alunos.

Em seguida realizamos uma brincadeira de pegadores, GATO E RATO, simulando as intensas lutas para não se deixar ser pego, usando todo o pátio externo com a intenção de deixar os alunos bem cansados, suados, com sede e sem poder fazer suas necessidades fisiológicas, deixando-os desconfortáveis por um pequeno tempo. O objetivo era levá-los até a senzala e deixá-los por alguns minutos, juntamente com o professor. Para essa aula, foi preparado previamente com a diretora da escola um local que representasse as senzalas, local esse onde os escravos eram levados após um dia de trabalho. Ali eles se alimentavam e descansavam, local de fácil controle pelos feitores, evitando fugas. Os mais rebeldes ficavam acorrentados. Utilizamos uma sala mais escura, sem iluminação, abafada, mostrando as condições em que os escravos viviam, fazendo com que os alunos tivessem consciência que era uma condição subumana e de muita dor e tristeza. Os alunos fizeram comparação com a senzala com a cadeia, hoje utilizada para deter infratores. Ainda surgiram muitas idéias de como sair do local, mesmo com a porta fechada, dando origem às fugas. Na volta à sala foi realizada uma fuga da senzala, simbolizada pela abertura da porta e os escravos correndo para se esconder.

Essas atividades dadas retratam o referencial teórico-metodológico utilizado, no qual os gestos e os movimentos surgem como resposta a uma dada situação, num contexto histórico, não por etapas e desvinculado da realidade. E a cada aula dada o conteúdo vai sendo aplicado e o conhecimento vai se ampliando conforme nosso referencial expõe, mostrando a harmonia entre as aulas e o referencial.

OBS: Nesta aula foi possível detectar que o acréscimo de tempo nas atividades foi prejudicial ao seu desenvolvimento, pois nota-se que os alunos se dispersavam com mais facilidade, e estabeleciam poucos vínculos com as histórias contadas.

Aula IX – Escravidão

Tivemos a retomada da aula passada, falando sobre a senzala, as tentativas de fuga, os castigos, a angústia dos escravos. Nesta aula foi abordado os costumes dos negros, desde comidas, cantigas, suas crenças, sua musicalidade, e que tudo isso era feito dentro das senzalas após o dia de trabalho. Homens e mulheres tinham que enfrentar trabalhos muito pesados e exaustivos dentro dos canaviais. Alguns escravos também trabalhavam dentro das casas dos donos das fazendas, realizando tarefas como lavar, limpar, fazer comida, olhar crianças, cuidar de animais, enfim tarefas caseiras. Para demonstrar isso utilizamos de algumas ferramentas de trabalho para os alunos tivessem consciência do quanto era sofrido e é até hoje o trabalho braçal. A partir daí começaram a surgir os comentários. A maioria dos pais praticavam atividades muito parecidas com aquelas realizadas pelos escravos, tanto os pais quanto as mães, e que quando chegavam do trabalho estavam muito cansados e que precisavam de repouso e alimentação, mas na maioria das vezes ainda teriam que realizar as tarefas de sua casa, tarefas essas que eram algumas atribuídas aos filhos desde os maiores até os menores. Essas atividades foram comparadas com as atividades realizadas pelos pais e parentes, nos seus respectivos trabalhos. A comparação feita pelos alunos vem ao encontro com o referencial utilizado, dando base aos alunos para fazer um julgamento da realidade, como forma de transformá-la. Realiza-se a reelaboração de uma idéia do senso comum para um conhecimento lastreado pelo senso científico, mediado pelo docente.

Aula X – Costumes africanos introduzidos no Brasil

Logo após a retomada das atividades realizadas na aula anterior, na quais realizamos alguns pequenos trabalhos do cotidiano, tanto caseiros como os serviços pesados como carregar, carpir, roçar e tantos outros. Introduzimos na aula um pouco da cultura africana trazida para o Brasil no período escravocrata, suas crenças, seus costumes, tipos de comidas, suas músicas e instrumentos. Falamos sobre como os negros vindos da África traziam seus costumes e que muitos deles foram incorporados aqui no Brasil e são realizados até os dias atuais. Trabalhamos algumas dessas culturas dentro da pesquisa:

Comidas;

Tambores;

Ladainhas.

Entre as comidas citamos a feijoada que tem toda característica de comida de escravo, e assim foi explicado aos alunos que quando os senhores das fazendas matavam seus porcos as parte mais nobres ficavam na Casa Grande e as vísceras e membros iam para as senzalas. Misturados ao feijão tornavam-se a feijoada. Em relação aos tambores, é uma cultura africana que veio junto com os escravos para o Brasil, já que sua religião, o “Candomblé”, é praticado com o uso de tambores. Nesta aula foi apresentado aos alunos um atabaque, instrumento esse utilizado nas rodas de capoeira e em terreiros de Candomblé. E as ladainhas, como são chamadas, são um tipo musical que os escravos utilizavam durante o trabalho e nas senzalas, expressando seus sentimentos e suas angústias. A ligação que é feita através dos fatos contados e da cultura apresentada aos alunos nos mostram como o conhecimento vai se ampliando a cada aula dada, e os alunos relacionando cada fato ocorrido com a realidade de cada um, o samba e seus instrumentos, o carnaval, entre outras comparações feitas nas aulas.

Nesta aula, além desses temas, foi mostrado aos alunos um atabaque, instrumento de percussão muito utilizado nos ritmos africanos. Os alunos escutaram alguns ritmos afros, imaginaram como seria dança daquele ritmo. Depois, aluno por aluno, pôde tocar o atabaque.

Aula XI – Tambor e toques

Na retomada desta aula os alunos utilizaram do atabaque para tentar realizar algum ritmo, utilizamos também palmas de mão, reforçando assim os ritmos executados por eles. Alguns alunos mostraram certa habilidade com o instrumento, outros apenas observaram o professor, que tocou para demonstração. Após este momento realizamos a brincadeira “canavial”, utilizando do som do atabaque para que o canavial se mexesse, mudando a direção dos alunos, fazendo com que se dificultasse a vida do Capitão do Mato na caçada do Negro Fujão. Foram mostrados aos alunos dois tipos de toques de atabaque. Quando mudasse o toque, o canavial também mudaria de posição. Todos os alunos passaram pelas funções da brincadeira. Mas o objetivo era mostrar as diferenças do toques, para que nas próximas aulas isso ficasse mais evidente (sobre o aspecto de danças que os negros desenvolveram para mascarar a capoeira dos seus opressores). Utilizamos o som do atabaque para a definição dos movimentos que o canavial produziria de acordo com o toque, ou seja, o professor demonstrou dois toque bem diferentes facilitando o entendimento dos alunos e a compreensão da brincadeira em relação aos fatos ocorridos na História. Nesta aula fica bem explícito como o aluno terá argumentos para confrontar-se com sua realidade, e poderá reformular seus conceitos a partir do movimento histórico citado dentro das aulas. O aluno não vem para a escola desprovido de conhecimento; cabe ao professor propor desafios e novos conhecimentos, contribuindo para que o aluno se torne um sujeito histórico produtor de conhecimento.

Aula XII – Dança da Zebra

Retomamos falando sobre o instrumento utilizado nas aulas passadas. Todos conseguiram descrevê-lo. Falaram sobre sua função, como eram feitos e quando eram usados.

Nesta aula a proposta foi falar sobre como eram os casamentos dos negros, como eram escolhidas as esposas dos guerreiros das tribos. A partir daí demos início ao conteúdo Capoeira, mas ainda não citado de forma clara para os alunos. Essa cultura de escolha da mulher era realizada através da “DANÇA DA ZEBRA” ou

“N’GOLO”, pois se familiariza muito seus movimentos com coices dados pelo animal. Os futuros pretendentes das moças da tribo se enfrentavam para poder escolher a sua companheira, através de uma luta onde o objetivo era acertar o rosto de seu adversário com os pés. Simulamos alguns combates, mas sem objetivo de luta, mas com caráter de competição. Os alunos teriam que realizar seus movimentos e as meninas poderia escolher seus pares, para uma dança a se realizar logo após a disputa. Nesta aula a exploração do gesto é evidente: surgem vários golpes de expressão corporal, a maioria deles utilizados na capoeira, mostrando assim que o gesto não surgiu por acaso e sim que teve um significado dentro do contexto histórico.

Aula XIII – Luta para a liberdade

Utilizando a retomada foi falado aos alunos como eram a união dos povos negros, como era escolhidas as esposas e sobre o tipo de disputa, a “DANÇA DA ZEBRA” ou “N’GOLO”, já vivenciado na aula anterior. Contudo, isso demonstrado aos participantes das aulas surgiu alguns questionamentos sobre essa forma de disputa entre os negros: por que eles não utilizaram esses golpes contra os feitores e capitão do mato?

Tal questão não foi colocada aos alunos; a idéia surgiu deles. Aproveitando este momento, contei aos mesmos que os negros tiveram esta mesma idéia em relação ao seu aprisionamento. E os negros descontentes com a escravidão começaram a utilizar essas pernadas usadas na Dança da Zebra contra seus feitores, e em seguida, para as fugas às matas. Após essas explicações começamos uma brincadeira de cabra cega com os alunos, simbolizando que o colega vendado seria o capitão do mato após um ataque sofrido pelos negros, que desferiram alguns golpes contra o capitão do mato e este atordoado com as pancadas tentaria pegar seus agressores. Mas a venda simbolizava a falta de consciência e a dificuldade de pegar os escravos, sendo assim facilitada a fuga dos escravos. Essa idéia já tinha sido proposta por um aluno, mostrando que a opressão gera revolta e que isso estaria dentro do contexto; a luta pela liberdade sempre aconteceu e não deixará de existir. Muitos dos gestos realizados dentro do contexto estiveram presentes, mesmo que os alunos não percebessem. Já estávamos realizando um trabalho de capoeira,

pois todos estes gestos fazem sentido de acordo com as histórias contadas, bem como os julgamentos acerca da realidade social.

Aula XIV – Quilombos

Retomamos falando sobre os golpes utilizados pelos negros para tentar escapar da escravidão e conquistar a tão sonhada liberdade, já que o próximo conteúdo abordado eram os quilombos. Para abordá-los começamos com uma conversa sobre a casa de cada aluno, pedindo que cada um falasse onde mais gostava de ficar. Após essa breve conversa foi perguntado aos alunos se eles achavam que os negros sentiam saudades de suas casas após serem trazidos forçados para o Brasil para trabalho escravo, e as respostas foram unânimes, todos concordaram que sentiam muitas saudades dos seus parentes, das suas casas, e de seus amigos. Explicamos como eram os quilombos, porque eles surgiram, onde ficavam, enfim, demos algumas informações aos alunos sobre o tema a ser trabalhado nesta aula. Em seguida começamos uma brincadeira de cada escravo no seu quilombo, brincadeira essa que se parece com cada macaco no seu galho, adaptada para a aula. Cada aluno estaria andando pela mata e quando o professor, de forma aleatória, falasse “olha o capitão”, cada aluno deveria procurar um local mais alto para subir e estar protegido do capitão do mato. O aluno que não subisse rápido seria encaminhado até o tronco, local esse onde os escravos eram punidos por fugas ou qualquer outra rebeldia. A compreensão dos princípios do nosso referencial fica cada vez mais evidente com o decorrer das aulas, e conteúdo se faz presente tanto nas atividades propostas quanto no cotidiano do aluno, especialmente dentro da escola, pois quando os mesmos estão em atividades em outras aulas, o contexto se repete, mas de outras formas, mostrando que nosso referencial é utilizado a qualquer momento dentro das aulas

Aula XV – Disfarce de Dança

Retomamos relembando o que eram os quilombos. Após essa breve explicação foi realizado novamente a brincadeira na qual os alunos espalhados pelo

pátio, quando escutavam o toque feito pelo professor, teriam que se esconder para que o capitão do mato não os encontrasse.

Para esta aula o tema escolhido foi o disfarce da dança, pois foi o modo que os escravos encontraram para esconder seus treinamentos. Dessa forma, disfarçavam para que seus opressores não identificassem como método de rebeldia e busca da liberdade. Realizamos uma brincadeira cujo objetivo era identificar a presença de capitão do mato por perto e disfarçar o treinamento em dança. Os alunos estavam praticando alguns golpes, cada um imaginando como poderia ser essa defesa e os ataques. Em outro momento dançamos com a ajuda de um pandeiro. O professor trabalhava alguns ritmos, sempre os modificando para que os alunos percebessem essa mudança. Realizamos outra atividade: os escravos estariam no meio do canal em algum momento de descanso treinando sua luta. O pandeiro sendo tocado em um toque de luta como foi passado aos alunos. De repente, o toque muda e eles começam a dançar. O toque é de samba e os escravos começam a dançar enganando assim o capitão do mato ou qualquer outra pessoa para que não pudessem perceber os treinamentos. Os alunos nesta aula estão acumulando conhecimento cada vez mais complexos, fazendo com que reelaborem os que tinham aprendido nas aulas anteriores, e relacionando como os treinamentos e os disfarces serviam de camuflagem da luta pela liberdade. Como em toda sala existem crianças que se destacam em relação às outras, esses alunos começavam a se movimentar diferenciadamente e os outros tentavam copiar. O conceito de zona de desenvolvimento proximal mostra-se presente nesta proposta.

Na ilustração abaixo o aluno relata sua compreensão de que o escravo que fugisse poderia sofrer sérias repressões e crueldades.



FIGURA 4 – Desenho referente aos castigos sofridos pelos escravos.

Aula XVI – Quilombo dos Palmares

No início da aula realizamos a retomada da aula anterior, falando sobre os treinamentos e as danças que eram usadas para disfarçar os movimentos da luta. Após a retomada o tema desta aula foi o quilombo dos Palmares, um dos mais conhecidos da história do período escravocrata brasileiro. O tema quilombo já havia sido abordado na semana passada, mas pela importância deste conteúdo, resolvemos reforçar o tema, ainda mais que teria uma personagem muito importante para os escravos: Zumbi dos Palmares, negro forte que viveu neste quilombo, tornando-se líder dos escravos. Os temas “quilombo”, “a luta e o disfarce” e “Palmares” estão unidos, pois as atividades eram as mesmas, mas realizadas dentro do Quilombo dos Palmares. A idéia de liberdade era levada para dentro das

senzalas. Ao falar sobre este tema surgiram alguns questionamentos feitos pelos alunos e as soluções dadas por eles mesmos. Uma questão levantada por eles:

Mas como os escravos que estavam presos ficavam sabendo destes planos de fuga? Como eram repassados para os que estavam dentro das senzalas?

Outro aluno responde era só deixar ser capturado pelo capitão do mato e assim ele voltaria para dentro das senzalas. Com essa pergunta e a resposta dada pelos próprios alunos fica claro que o conteúdo aplicado gera um diagnóstico, um julgamento e a transformação da realidade, tentando resolver uma situação gerada dentro do contexto histórico.

Aula XVII – Zumbi dos Palmares

Nesta aula o tema abordado foi Zumbi dos Palmares, negro forte e valente que liderou muitas fugas e que fundou um dos quilombos mais conhecidos, Quilombo dos Palmares. Zumbi ficou conhecido por liderar muitos ex-escravos e escravos fugitivos para se organizarem e se rebelarem contra seus opressores, no caso, os donos das fazendas, capitães do mato e feitores. Para um melhor entendimento sobre Zumbi realizamos uma brincadeira entre os alunos onde um grupo era capitão do mato e outro grupo era composto por escravos, e um deles seria Zumbi. A brincadeira consistia em um pega-pega parecido com o polícia e bandido. Um grupo pega o outro. Após todos serem pegos se invertem as posições; quem pegou passa a correr, mas tem um detalhe: sem que o grupo do capitão do mato saiba, os escravos têm Zumbi no seu meio, que poderá libertar os escravos presos. Após a brincadeira foi ensinado aos alunos uma musica que fale sobre Zumbi.

ZUMBI – autor desconhecido

Zumbi, Zumbi, olha Zumbi

Coro (Zumbi, Zumbi, olha Zumbi)

Palmares cresce sem parar

Lavoura nos campos cobre a região

Herdeiro de Ganga Zumba nasceu

Com destino traçado nas mãos

Bravo forte guerreiro

Que se liberta na brisa de um herói

Zumbi, Zumbi, olha Zumbi

Coro (Zumbi, Zumbi, olha Zumbi)

A música favorece uma melhor compreensão do aluno. Resolvemos deixar a critério dos alunos a escolha do personagem principal, no caso Zumbi. Nas primeiras aulas, quando isso foi experimentado, ocorreram algumas disputas entre os alunos para poderem participar. Com o passar das aulas, pelo modo em que o conteúdo era tratado, as desavenças foram acabando. Houve uma clara mudança de comportamento.

Aula XVIII – A morte de Zumbi

A aula tratava sobre Zumbi dos Palmares e o que ele fazia para ajudar quem ainda era escravo dentro das senzalas. Zumbi, com o apoio de outros escravos, ia até as fazendas e libertava os escravos. Após libertá-los eles queimavam as senzalas. Mas por sua fama de invadir fazendas e queimar as senzalas fez com que os donos das fazendas realizassem buscas para tentar capturar Zumbi, e isso aconteceu por muito tempo, até que então Domingos Jorge Velho, um ex-combatente, com sua tropa de soldados, conseguiu encurralar Zumbi no alto de um penhasco. Zumbi teria que se entregar, mas preferiu pular do penhasco a viver como escravo. Após a história contada realizamos uma brincadeira de Pega-pega onde os alunos dão as mãos em forma de corrente e vão pegando quem está fora da corrente. O último que ficasse seria Zumbi e esse não se entregaria à corrente, fortalecendo o conteúdo da história.

Aula XIX – Abolição

Fizemos a retomada falando sobre Zumbi e realizamos a mesma brincadeira de pega corrente. Assim que terminamos a explanação da aula iniciamos o próximo tema que era ABOLIÇÃO. A história parte que existia uma princesa nessa

época que se chamava Isabel e que ela era contra o movimento escravocrata. A situação de luta fez com que se acabasse com o trabalho escravo através de uma lei chamada Lei Áurea. As fugas e os fatos envolvendo Zumbi reforçaram ainda mais a libertação dos escravos. Com a alforria dos escravos, eles começaram uma nova fase da sua vida no Brasil, pois voltar a sua terra natal seria impossível naquela época. Para que os alunos fixassem melhor a história realizamos uma simulação da libertação dos escravos, alguns alunos eram escravos, outros eram os donos das fazendas e estavam negociando escravos na feira e uma aluna fazia o papel da Princesa Isabel e libertaria os escravos usando da Lei Áurea, com algumas folhas de papel na mão ia entregando um a um aos escravos e os capitães do mato iriam soltando as correntes que os prendiam. Após o entendimento sobre a compreensão do fim da escravidão vieram as perguntas: como os negros voltariam para a África? A impossibilidade de volta fez com que se ampliasse a miscigenação entre as etnias.

Aula XX – Berimbau na Capoeira

Realizamos a retomada da aula anterior, lembrando os alunos sobre a libertação dos escravos. Através de questionamentos os próprios alunos iam lembrando as partes da aula. Realizamos mais uma vez a encenação da libertação, com outros alunos, já que os mesmos reclamaram que só foram escravos e queriam ser outros personagens da história. Após esse momento apresentei aos alunos mais um instrumento característicos da capoeira, ou seja, o instrumento que melhor representa a capoeira: o berimbau. A grande maioria dos alunos não conhecia o instrumento, e também não conseguiram relacionar com a CAPOEIRA. Mas após o instrumento ser montado pelo professor alguns alunos começaram a esboçar que já haviam visto aquele instrumento na televisão, mas a maioria ainda não tinha o conhecimento sobre aquele instrumento. Cantamos algumas músicas utilizando o berimbau. Montamos uma roda, ensinei os alunos a baterem palmas no ritmo da musica. Depois de tudo pronto pedi para os alunos que realizassem movimentos da luta que os escravos criaram para poder se defender enquanto eles eram escravos, partindo daí o nome CAPOEIRA, foi dado àquela manifestação negra que foi usada como meio de libertação. Como essa seria última aula do projeto revelamos aos alunos que eles participavam de aulas de História em relação ao percurso da capoeira. A maioria dos alunos, mesmo citando o nome capoeira, não relacionou com a luta praticada em várias instituições educacionais e locais públicos. Mas não

podemos deixar de perceber que os alunos participaram de todas as aulas e conseguiram fixar alguns temas abordados, principalmente os que eram precedidos de brincadeiras que eles preferiam.

Depois de encerradas as aulas foi solicitado aos alunos, alguns dias depois, que expressassem seu entendimento das aulas em desenhos, expostos nas aulas acima citadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho tratamos da elaboração de uma seqüência pedagógica para o ensino da capoeira para crianças de 5 e 6 anos de idade, de ambos os sexos, participantes do último ano da educação infantil. Utilizamos como referencial teórico-metodológico a teoria crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), que trata da educação física como área do conhecimento e a capoeira como um dos seus conteúdos. Durante as 20 aulas aplicadas pudemos observar que as crianças trazem conhecimento acumulado e que esse conhecimento é elaborado a partir da lógica dialética, visto que o movimento do conhecimento não é estanque. No decorrer da pesquisa constatamos que o método de ensino de capoeira sobre esta perspectiva tem total aceitação pelos alunos do último ano da educação infantil, tornando-se viável nas aulas de educação física no ambiente. Tal trabalho poderá servir de alicerce para outros professores, sejam eles professores de educação física, pedagogos ou qualquer pessoa interessada em ministrar aulas referentes ao conteúdo capoeira. Além de ampliar os conhecimentos dos alunos, servirá também como promoção e divulgação desta manifestação folclórica, denominada como luta, esporte, dança jogo, ginástica. Desta forma, esperamos contribuir para que o ensino de capoeira no último ano da educação infantil possa se ampliar, oportunizando à criança a vivência deste importante conteúdo da cultura corporal.

Referencias Bibliográficas

ABIB, Pedro Rodolpho. J. **Capoeira angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas- São Paulo. Setembro de 2004.

ADRIANO, Jean. **A capoeira na educação infantil 1ª parte**, Portal Capoeira, São Paulo, 2007. Disponível em:<<http://www.overmundo.com.br/overblog/a-capoeira-na-educacao-infantil-1-parte>>. Acessado em: 06 novembro de 2010.

BERTAZZOLI, Breno Fiori. **A capoeira para uma educação física crítico-superadora**. 2005.45f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas -2005.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

BRITO Elto Pereira de. **Fundamentos da capoeira**. 2. Goiânia: Grafset, 1999.

DARIDO, Suraya; ANDRADE, Irene Rangel Conceição de. **Educação Física escolar**. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

GALLARDO, Jorge Sérgio Perez. **Educação física escolar: do berçário ao ensino médio**. Ed. Lucerna. 2008.

PAULA, Luis Carlos de; CAMPOS, Luis Antonio Silva. **A capoeira na interação com a educação física escolar na promoção do crescimento e desenvolvimento infantil ale do aspecto motor**. Coleção pesquisa em educação física. Agosto de 2007. Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/231515/A-Capoeira-na-interacao-com-a-Educacao-Fisica-escolar>> Acessado em 12 de janeiro de 2011

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética e a pesquisa psicológica**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PAGANOTTI, Ivan. A construção do saber. **Nova escola**, São Paulo, n.242, p.88-90, maio 2011.

RABINOVICH, Shelly Blecher. **O espaço do movimento na educação infantil: Discurso e prática do docente**. São Paulo – SP. Coleção pesquisa em educação física. n.4, junho de 2005.

RANGEL, Irene Conceição Andrade et al. **Educação física e a criança de zero a seis anos**.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia. Coleção Polêmicas do nosso tempo**. 21 ed. Cortez: Autores Associados. Campinas. 2008.

SILVA, Gladson de Oliveira; HEINE, Vinicius. **Capoeira: um instrumento psicomotor da cidadania**. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **A educação física na roda de capoeira: entre a tradição e a globalização**. Dissertação de Mestrado. Unicamp: Campinas-SP, 2002.

SOARES ET AL. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Formação dos professores).

SOUZA DA SILVA, Eduardo. **A educação física como componente curricular na educação infantil: Elementos para uma proposta de ensino**. Campinas – São Paulo. V.26, n.3, p.127-142, maio de 2005.

APÉNDICES

Termo de Autorização

Eu _____,
RG _____ autorizo meu filho (a) a participar do projeto
BRINCANDO COM A HISTÓRIA a ser realizado nas dependências da Escola
Municipal Francisca Alegret Bianchi.

O projeto ocorre 2 (duas) vezes por semana durante 30 minutos diários, e é uma parceria da Secretaria Municipal de Educação de Muzambinho e o IFSULDEMINAS (curso de educação física). As aulas poderão ser filmadas e fotografadas para fins científicos, ou seja, não serão veiculados em jornais e TVs.

O projeto é inteiramente gratuito.

Aluno: _____

Série: _____

Idade: _____ Sexo: _____

Endereço: _____